



## SARAMAGO E A ARCA DE NOÉ: RISO, IRONIA E PARÓDIA NA DES(RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

DOI: 10.48075/ri.v25i2.31204

Jessica Valdati Triaca<sup>1</sup>  
Cleiser Schenatto Langaro<sup>2</sup>

**RESUMO:** As reflexões aqui problematizadas partem da leitura do romance Caim (2009), do escritor português José Saramago. No intuito de explorar o modo como o escritor utilizou a linguagem paródica, carnavalesca e irônica para instaurar o riso questionador e reflexivo ao dialogar com narrativas bíblicas, o percurso de análise realizou a leitura comparada: passagem ficcional e narrativa bíblica. O exercício reflexivo analisou os recursos estilísticos e diálogos saramaguianos a partir da passagem Arca de Noé, do Antigo Testamento. Como amparo teórico utilizamos Bakhtin (1996), Fourastié (1985), Vasconcelos (2012), Minois (2003), Hutcheon (1985-2000), Lopes (2010), Ferraz (2012), entre outros estudiosos da linguagem. As reflexões apontam para a compreensão de que o destronamento daquilo que é dogmático, através dos recursos de linguagem como os da ironia, do riso carnavalizado e paródico, contribui na formação de leitores, pois promove a quebra do determinismo, a criticidade e autonomia de pensamento. A problematização de perspectivas unas, do sério/autoritário, amplia, portanto, a visão de mundo e humaniza leitores.

**Palavras-chave:** Saramago; Caim; destronamento paródico; riso reflexivo e carnavalização..

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de Mestrado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Foz do Iguaçu - PR. Graduada em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Professora de Língua Inglesa na rede particular de ensino na cidade de São Miguel do Iguaçu – Paraná. E-mail: [jessica.valdati@hotmail.com](mailto:jessica.valdati@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Letras – com área de concentração em Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestre em Letras, Graduação em Letras e Pós-Graduação em Literaturas Ibero-Americanas Contemporâneas em Língua Portuguesa e Espanhola pela Unioeste. Atualmente é professora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras. E-mail: [cleiserschenatto@hotmail.com](mailto:cleiserschenatto@hotmail.com)

## SARAMAGO AND NOAH'S ARK: LAUGHTER, IRONY AND PARODY IN THE MEANING DE(RE)CONSTRUCTION

---

**ABSTRACT:** The considerations presented here are based on the reading of the novel entitled *Caim* (2009), written by the Portuguese author José Saramago. It aims to explore the way the writer used the parodic, carnival and ironic language to establish the questioning and reflective laughter when dialogues with scriptural narratives, the analyses path realizes the comparative reading: fictional passage and the Biblical narrative. The reflexive exercise analyzed the stylistics resources and the saramaguian dialogues as of the Bible passage of Noah's Ark from the Old Testament. As theoretical sources was used Bakhtin (1996), Fourastié (1985), José Carlos de Vasconcelos (2012), Minois (2003), Hutcheon (1985-2000), Lopes (2010), Ferraz (2012) among others language experts. The reflections indicate to the comprehension which the dethronement of arbitrary things through language resources such as irony, carnival and parodic laughter, contributes to the readers development, because promotes the breaking of determinism, the critically and autonomy thought. The problematization of unified perspectives, of serious/authoritarian, expands, therefore, the world vision and humanizes the readers.

**Keywords:** Saramago; *Caim*; parodic dethronement; reflective laughter and carnivalization

*"Todos sabemos que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia mais." O homem duplicado. Lisboa: Editorial Caminho. 2002*

### INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo geral a análise da linguagem paródica, carnavalesca e irônica utilizada por José Saramago na elaboração da obra intitulada *Caim* (2009). Os recursos estilísticos como ironia, sátira, humor e riso utilizados na elaboração da linguagem e na des/re/construção do episódio bíblico causam questionamentos e reflexões naqueles que leem e entram em diálogo com autor, obra e sentidos produzidos, questionando suas concepções sobre compreensões acerca da passagem bíblica. O romancista usa como texto base o Antigo Testamento, em especial as passagens: Adão e Eva (capítulos 1, 2 e 3 do Livro de Gênesis), Caim e Abel (capítulo 4 do Livro de Gênesis), Abraão e o sacrifício de seu filho Isaac (capítulo 22 do Livro de Gênesis), entre outras. Neste artigo faremos uma análise mais específica da releitura da história da Arca de Noé, que aparece no Livro de Gênesis, entre os capítulos 6 e 9.

A elaboração da linguagem em *Caim* (2009), voltada a indagar criticamente sobre o que foi dito nas escrituras bíblicas, nos mostra um romancista interessado em provocar no leitor uma postura questionadora e reflexiva, a partir do riso. Em entrevistas dadas pelo

escritor logo após a publicação da obra, que por ele é considerada a melhor de todas, afirma que ao terem nomeado a Bíblia como sendo sagrada, foi dado a ela um caráter intimidatório, sendo assim, seria proibido que alguém fizesse algo com ela ou a partir dela .

Dessa forma, ao parodiar narrativas presentes na Bíblia, Saramago causa o destronamento das mesmas, consideradas fundadoras e sagradas, pois ao deslocar para a literatura ficcional uma das histórias mais conhecidas do evangelho, leva também o leitor para outro ambiente, o ambiente da liberdade de criação e invenção, próprio do terreno da ficção. Ocorre, assim, um deslocamento/destronamento do sagrado para o profano, do sério para outras possibilidades, contribuindo, portanto, para a ampliação dos horizontes dos leitores, desencadeando, pelo riso carnavalesco, pensamentos críticos e reflexivos acerca do que já foi dito.

A metodologia norteadora ampara-se na pesquisa teórico bibliográfica, com análise comparativa, interpretativa e subjetiva do texto literário em diálogo mais especificamente com a passagem bíblica da Arca de Noé presente no Livro de Gênesis, capítulos 6 e 9. As análises têm como propósito compreender os fenômenos da carnavalização e destronamento do texto bíblico pela linguagem literária por meio da sátira, da ironia e do riso. Sendo assim, o estudo proposto nesse artigo, visa observar como esses recursos estilísticos foram utilizados, num estudo comparativo entre as letras bíblicas e as letras saramaguianas, refletir sobre o riso reflexivo e paródico utilizado para provocar questionamentos nos leitores, com propósito de ampliar as reflexões sobre a obra desse escritor no Brasil. Além de compreender os recursos estéticos, como os da sátira, da paródia, do riso e da ironia na carnavalização e destronamento do texto bíblico em Caim, busca-se refletir sobre a contribuição da literatura paródica e carnavalesca na formação do pensamento crítico dos leitores através de leituras de autores como Jean Fourastié que afirma: “O riso é então, somente então, a manifestação da satisfação que ela sente, em primeiro lugar, de prever, depois de dominar, de desencadear à sua vontade um processo anteriormente desconhecido [...]” (FOURASTIÉ, 1985, p.47). Sendo assim, ao lerem obras como a de José Saramago, os leitores lidam com outras possibilidades para a leitura dos Testamentos Bíblicos ou de qualquer outro discurso, sendo uma das funções do humor, levantar perguntas acerca daquilo que antes era considerado único.

Para a análise desses recursos e da linguagem paródica e carnavalizada utilizamos como suporte teórico História do Riso e do Escárnio e Jean Fourastié (1985), Reflexão sobre o Riso, Uma Teoria da Paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX; Georges Minois

(2003), de Mikhail Bakhtin (1996), A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais; e da autora Linda Hutcheon (1985-2000), respectivamente, Teoria e política da ironia. Além dessas obras, para abordarmos vida e obra de José Saramago, seu estilo de narrar, partiu-se da biografia escrita por João Marques Lopes (2010) denominada Saramago: Biografia, a obra As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago, escrita por Salma Ferraz (2012) e para finalizar o livro Conversas com Saramago: os livros, a escrita, a política, o país, a vida, do escritor José Carlos de Vasconcelos (2010) que traz um conjunto de entrevistas concedidas pelo autor durante sua vida, de 1989 a 2006.

Além disso, através de pesquisas feitas em bancos de dados como Google Acadêmico, Scielo e Banco de periódicos da Capes foi possível encontrar várias pesquisas acerca dos romances de José Saramago, em especial sobre Caim (2009). Os estudos sobre esse último romance publicado abordam as questões da sátira e do humor, juntamente com a questão da carnavalização. Alguns títulos são: O narrador errante e paródico em Caim, de José Saramago (2016), de Paula Karina Verago Petersen <sup>3</sup>e Paródia e dessacralização em o Evangelho segundo Jesus Cristo e Caim, de José Saramago (2020), de Gregório Foganholi Dantas e Jéssica Viana Barone. <sup>4</sup>

## UM JEITO SARAMAGUIANO DE NARRAR: A LINGUAGEM QUE SUBVERTE PADRÕES E ESTILOS

José Saramago, escritor português e ganhador do Premio Nobel de Literatura no ano de 1998, é conhecido mundialmente por suas obras literárias. O romancista nasceu no ano de 1922 na Província de Ribatejo, em Portugal. Teve diferentes trabalhos como serralheiro mecânico, funcionário público e tradutor. Seu início no mundo das letras ocorreu com a escrita da obra intitulada Terra do Pecado, no ano de 1947, porém, foi somente na década de 1970 que passou a dedicar-se inteiramente a literatura. Escreveu obras de cunho social, retratando momentos marcantes da história política de Portugal. Um exemplo disso, segundo Lopes (2010), é a obra As Opiniões que o DL teve (1974), onde Saramago retrata as condições que seu país se encontrava nos últimos anos do regime ditatorial.

As reverberações bíblicas na obra do escritor foram constantes, como afirma a autora Salma Ferraz (2012), datam desde a sua primeira publicação, inclusive, foi questionado por

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/878>. Acesso em 17/06/2023

<sup>4</sup> Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/13568> Acesso em 17/06/2023

suas produções abordarem temas considerados delicados como, por exemplo, o da religião. No ano de 2009, escreve a obra *Caim*, na qual dialoga, não somente com uma, mas com várias histórias escritas no Antigo Testamento, dando a elas tons irônicos, satíricos e humorísticos, características constantemente observadas em paródias que instauram a carnavalização de dogmas, fatos e sentidos. Como afirma Ferraz (2012, p.205), “se n’O Evangelho Segundo Jesus Cristo (1991), o autor mata Deus, em *Caim* (2009), ele vela o cadáver de Deus e depois crema suas cinzas”. Para ele, a composição de um romance é como o corpo humano, 70 e 30%. Ou seja, afirma que sua obra é 70% linguagem e os outros 30% o enredo, a história. Ele preocupa-se em, com pequenos detalhes, demonstrar seu tom de rebaixamento no romance.

Um exemplo seria a escrita dos nomes dos personagens e lugares bíblicos com letras minúsculas, transformando suas histórias em simples ficções, como se retirasse o sério, o formal e o poder que representam ao empregar letras minúsculas em seus nomes. Para muitos, um desacato às normas da língua padrão e ao sagrado religioso, para outros a liberdade de poder expressar-se, independente das normas e das instituições de poder. Essa aproximação da terra, esse destronamento através da escrita pode ser compreendida através do que o escritor Mikhail Bakhtin (1996), em sua teoria sobre o realismo grotesco, escreve. Para ele: “Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como o principio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor” (BAKHTIN, 1996, p. 19). Sendo assim, é possível pensar que os propósitos do escritor estavam alinhados ao intuito de dessacralização do cânone, seja no que se refere à língua padrão ou ao que se refere ao texto bíblico. Para isso, utilizou de uma escrita inovadora e do uso de recursos estilísticos tais como humor, ironia, paródia e riso, o que nos leva a questionamentos como: de que forma o autor faz esse processo de carnavalização do texto bíblico? Além disso, a paródia dessas passagens bíblicas pode contribuir para a formação de um leitor mais crítico, capaz de questionar o que já foi dito anteriormente?

Mesmo Saramago, ao falar de sua obra no lançamento, já mencionado anteriormente, questiona a necessidade de considerar o assunto Deus e religião como assuntos sérios. Mas ele satiriza a criação do universo e, por Deus ser considerado eterno, Saramago pergunta se ele deveria existir antes mesmo dessa criação, e por isso observa: então ele simplesmente não fez nada até então? E depois do sexto dia, após o término dessa formação, ao sétimo dia, ele descansou e continua a descansar? E por isso quer ser

considerado dono de tudo? Ainda se pergunta se algum teólogo já sentou tomar um café com Deus para que ele contasse sobre o que fez e criou. Para Saramago, Deus não existe e a Bíblia foi escrita por alguém e a partir daquele momento considerada Sagrada, ou seja, intocada. Diante dessas questões, podemos observar que um dos propósitos do escritor é o de fazer pensar criticamente. Causar o questionamento/deslocamento de dogmas, cristalizações de pensamentos, certezas instauradas por discursos e narrativas fundadoras ou discursos de poder.

O termo carnavalização foi problematizado pelo escritor russo Mikhail Bakhtin, na obra intitulada *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1996). Para ele, festejos populares são manifestações da cultura de um povo, mas, no carnaval, essas representações ganham um caráter cômico. Nessa época do carnaval da Idade Média e do Renascimento as pessoas permitiam-se ser ou fazer coisas que estavam fora de padrões aceitos no âmbito formal, familiar, religioso e social/moral. A ideia era de que, durante esse período, poderiam rir e agir subvertendo leis regidas pela Igreja ou pelo Estado, tanto atores quanto espectadores, eles “[...] não assistem ao carnaval, ele vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida [...] só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade” (BAKHTIN, 1996, p.6). Em suma, era um momento de fuga da vida cotidiana, daquilo que era sério, formal, restritivo e autoritário. Fazia-se humor com momentos das próprias vivências, diferentemente do humor contemporâneo, onde o autor se coloca fora de sua sátira, no humor popular daquele período o humorista fazia parte da mesma, riam das próprias situações.

Como resultado dessas rupturas de paradigmas que aconteciam na época do carnaval, diferentes formas de comunicação eram estabelecidas. No âmbito literário, a literatura cômica medieval foi se desenvolvendo, segundo Bakhtin (1996), inúmeras obras de cunho religioso foram reescritas de forma paródica: “Eram os ecos do riso dos carnavais públicos que repercutiam dentro dos muros dos mosteiros, universidade e colégios” (BAKHTIN, 1996, p. 13). Acontecendo assim o rebaixamento, transferindo tudo que era considerado elevado para um plano material. Carnavalizar alude a outros recursos estilísticos utilizados, como parodiar, ironizar e satirizar.

Em sua obra *História do Riso e do Escárnio* (2003), o escritor francês Georges Minois aborda a história do humor durante os séculos. Para ele, histórias escritas durante o século XX são prova de que a sociedade precisa do humor para continuar vivendo, pois, mesmo

passando de guerra o povo fazia graça com isso: “O século XX provou: é possível rir de tudo, e, de certa forma, isso é bom. Duas guerras mundiais não aniquilaram o senso do cômico” (MINOIS, 2003, p. 554). Como afirma Minois (2003), ironizar não é zombar, pois, a ironia é um retrato do mundo em que vivemos. Ela traz no mínimo um duplo sentido, visto que ao mesmo tempo em que é sensível, nos faz pensar de forma profunda sobre o texto parodiado.

Sobre a ironia, Linda Hutcheon, em sua obra *Teoria e Política da Ironia* (2000), aponta que dentro do jogo da ironia existem dois participantes, o ironista e o interpretador. Tão importante quanto quem produz a ironia é aquele que alcança e a compreende, pois, a ele cabe o papel de interpretá-la e atribuir a ela o tom irônico, que é particular, pois, a forma que um sujeito interpreta algo pode ser diferente da forma que o outro irá interpretá-la. Tudo depende do contexto em que cada um está inserido: “[...] não há garantias de que o interpretador vá “pegar” a ironia da mesma maneira como foi intencionada” (HUTCHEON, 2000, p. 28). Sendo assim, caberá ao leitor saber sobre a história parodiada, ao menos de forma superficial, para poder dar a ela o tom irônico desejado.

Quando mencionamos que José Saramago carnaliza os testamentos bíblicos, nos referimos a ele ter utilizado de uma das obras mais traduzidas no mundo todo, a Bíblia Sagrada, e parodiar as histórias presentes nela, adicionando a elas tons irônicos e satíricos, causando assim o destronamento das mesmas. Uma das narrativas reescritas por ele e que traz um final singular e inusitado é *A Arca de Noé*. O escritor português enriquece seu texto de detalhes e diálogos diretos entre os personagens, trazendo palavras e expressões carregadas de sentidos próprios, muitas vezes fazendo com que aqueles diálogos aproximem-se com o mundo atual, insinuando outros sentidos e percepções para episódios clássicos da Bíblia.

## **UM NOVO OLHAR AO SAGRADO: RESSIGNIFICAÇÕES A PARTIR DA NARRATIVA A ARCA DE NOÉ**

Em Caim (2009), Saramago parodia algumas histórias bíblicas do Antigo e do Novo Testamento. O romance inicia com a expulsão de Adão e Eva do paraíso, dando início às suas vidas fora do Jardim do Éden. Após a expulsão tiveram dois filhos, Caim e Abel. Como o próprio título da obra já sugere, o protagonista dessa história é o primogênito. No texto bíblico, Caim assassina o seu irmão. Na ocasião os irmãos fizeram oferendas a Deus, Caim levou frutos do solo, e Abel levou as primícias e a gordura de seu rebanho, mas as oferendas

de seu irmão agradaram mais a Deus. Assim, dominado pela raiva, armou uma emboscada para Abel, matando-o.

Após o homicídio, Caim segue à terra de Nod, ao lado leste do Éden. Essa palavra deriva do radical hebraico que significa vagar, ou seja, Caim viveu vagando. Até essa parte da narrativa, o romance de Saramago não muda muito a história bíblica, o contexto é semelhante, mas a forma de narrar é diferente. O tom irônico e dialógico prevalece, como podemos observar nesse trecho:

[...] Antes de prosseguirmos com esta instrutiva e definitiva história de Caim a que, com nunca visto atrevimento, metemos ombros, talvez seja aconselhável, para que o leitor não se veja confundido por segunda vez com anacrônicos pesos e medida, introduzir algum critério na cronologia dos acontecimentos (SARAMAGO, 2009, p.13)

A ironia é produzida pelo narrador através do tom utilizado na sua escrita, mantendo conversa direta com o leitor, como afirma Salma Ferraz em *As faces de Deus* na obra de um ateu (2012), pois “[...] a ironia do narrador em Caim vai marcar este romance: Deus se esquece da língua e também de colocar umbigo no casal, portanto, cria uma obra imperfeita (...)” (FERRAZ, 2012, p.208), é nesses detalhes que uma crítica a Deus é construída na obra. Ainda podemos observar que ao dizer “para que o leitor não se veja confundido por segunda vez” insinua que no texto bíblico há subterfúgios que escondem algo propositalmente sobre os fatos.

Caim retorna diversas vezes a Terra de Nod, onde conhece Lilith e com ela tem encontros tórridos, posteriormente eles têm um filho, Henoc. Saramago (2009) descreve seu protagonista que viaja no tempo e no espaço, passando por diversas histórias bíblicas, como a de Abraão, de Josué, da Torre de Babel, de Sodoma e Gomorra, Moisés e a Arca de Noé. É importante salientar que, essas narrativas são parodiadas dentro do romance, reinterpretadas a partir do novo tom que é dado pelo narrador, fazendo o constante questionamento das compreensões apresentadas pela igreja, ao longo dos séculos.

No presente artigo, nos atentaremos, como já dito anteriormente, em fazer uma comparação do texto bíblico da Arca de Noé, que é uma das mais conhecidas do Antigo Testamento, ela está presente no Livro de Gênesis, entre os capítulos 6 e 9, com a reinterpretação feita pelo escritor português. No início da sua narrativa, a Bíblia nos contextualiza sobre o que estava acontecendo. Javé estava descontente com os humanos que habitavam a Terra. Eles começaram a se procriar entre parentes e irmãos, assim, o projeto original de Deus estava saindo do controle, quando ele decide então exterminar da



terra tudo que ele criou desde os homens aos animais, pois havia se arrependido da forma que os criou. Javé então encarregou Noé de uma missão.

O texto bíblico apresenta lacunas entre os acontecimentos narrados, talvez essa constatação tenha provocado questionamentos no escritor José Saramago. A falta de relações diretas e claras entre diversos fatos e situações apresentados nas narrativas bíblicas pode ter instigado o romancista, fazendo com que ele instaurasse diálogos entre o texto sagrado mostrando uma nova leitura para eles.

Na Bíblia, temos o início da descrição de quem era Noé. Ele, um homem íntegro, tinha três filhos, Sem, Cam e Jafé. Certo dia, Javé chegou a Noé e contou a ele que a terra estava corrompida pelo pecado, as pessoas não estavam agindo mais da maneira com que ele havia proposto no início da criação do universo, por isso, a Noé fora destinada a missão de construir uma arca (Deus descreveu a ele os detalhes do tamanho dela). Ao término de sua construção, Noé deveria pegar toda sua família e um casal de todas as espécies de animais que habitavam a terra para levar a Arca. Após o dilúvio, longos dias se passaram na Arca, até que as águas baixaram e assim Noé pôde sair com a sua família. Ele foi abençoado por Deus e a Terra foi povoada novamente.

Em Caim (2009), após vagar pelo espaço e tempo, presenciar e fazer parte de momentos bíblicos mencionados anteriormente, Caim, após novamente mais uma mudança abrupta de localidade, se depara com uma grande construção de madeira, parecida com um barco. Estranhou, pois, perto dali não havia nenhum rio. Tentou conversar com as pessoas, mas foi pedido que se retirasse. De repente com um estrondo do céu Deus aparece, aparentemente para vistoriar o trabalho de Noé e sua família. Mostrou-se surpreso com a presença de Caim por ali, e ambos começam um longo diálogo no qual Caim questiona todas as atrocidades feitas por Deus, presenciadas por ele. Por outro lado, Deus mostra-se orgulhoso delas e afirma a sua autoridade sobre todos que vivem na Terra:

Que fazes por aqui, nunca mais te vi desde o dia em que mataste o teu irmão, Enganas-te, senhor, vimo-nos, embora não me tenhas reconhecido, em casa de abraão, nas azinheiras de mambré, quando ias destruir sodoma, Foi um bom trabalho, esse, limpo e eficaz, sobretudo definitivo [...] Dobrou-se à minha autoridade, reconheceu que o meu poder é absoluto, ilimitado, que não tenho que dar contas senão a mim mesmo nem deter-me por considerações de ordem pessoal (SARAMAGO, 2009, p. 148)

Na sequência, Noé e sua família ficam boquiabertos com o diálogo de ambos, pois se mostraram velhos conhecidos. Ainda Caim, aos questionar suas idas e vindas pelo mundo é

surpreendido quando Deus admite a possibilidade da existência de alguma outra força, diferente e tão poderosa quanto ele no universo. Após os debates e diálogos, Deus o obriga a ficar ali com Noé, ajudando-o na construção da Arca. Mas Caim, como quem faz uso de lógica, questiona as dimensões daquele grande barco:

Com estas dimensões e a carga que ira levar dentro, a arca não poderá flutuar, quando o vale começar a ser inundado não haverá impulso de água capaz de levantar do chão [...] talvez não saibas que os barcos flutuam porque todo o coro submergido num fluido experimenta um impulso vertical e para cima igual ao peso do volume do fluido desalojado, é o principio de arquimedes (SARAMAGO, 2009, p. 152).

Neste excerto podemos observar a tentativa do escritor em demonstrar as discordâncias das narrativas bíblicas com a realidade, pois, em termos matemáticos seria praticamente impossível que a arca flutuasse, assim como seu tamanho, o espaço dela não seria suficiente para alojar tudo que Deus queria, que era um casal de cada espécie de animal, aves e répteis.

Assim como afirma Salma Ferraz (2012), essa dúvida apresentada pelo narrador também pode surgir no leitor, assim promove o questionamento das crenças absolutas, instaura novos sentidos a compreensões cristalizadas pela igreja ao longo dos séculos. Notamos que essa postura de Saramago apresenta um propósito de destronamento do sagrado, portanto, carnavalizador. Assim, suscita o riso reflexivo, aquele que decorre da ambiguidade das relações e sentidos entre o sagrado e o profano, haja vista que o mesmo surge toda vez que há a quebra de paradigmas e dogmas. Segundo Fourastié (1985) essa ruptura é causada pelo riso que vai além do ato de causar o riso mecânico, pois, nesse caso ele não nos faz rir apenas de modo concreto, mas ele pode transformar um “[...] ouvinte frio em um receptor caloroso”. (FOURASTIÉ, 1985, p.37), ou seja, o leitor passa a ser ativo dentro da narrativa, pois esse riso causa uma ruptura do que é considerado comum, cabe ao leitor fazer um esforço pessoal para resolver e interpretar o que foi dito.

O narrador revela que Deus ficou um pouco impaciente com a espera da construção da barca, a família de Noé já estava aparentemente exausta, por isso enviou seus arcanjos para os ajudarem. Esses eram realmente muito fortes, não usavam martelos para pregar e sim seus próprios punhos para fixar os pregos nas madeiras, conseguiam carregar as tábuas de cento e cinquenta metros embaixo de seus braços. Novamente o tom questionador da obra, voltado a surpreendente força dos anjos. Durante esse período o senhor havia aparecido somente uma vez para ver com Noé como estava a construção. Caim nesse tempo

fez amizade com os anjos. Com eles mantinha longos diálogos sobre a existência da vida humana, da sua importância e da forma com que Deus governava os céus e a terra.

Ao iniciarmos o capítulo treze, último e decisivo da narrativa saramaguiana, nos é informado que Deus não veio à despedida, ele estava muito preocupado: “[...] com a revisão do sistema hidráulico, verificando o estado das válvulas, apertando alguma porca mal ajustada [...] A festa para outros, para ele o labor” (SARAMAGO, 2009, p. 161).

Os anjos estavam a postos a espera da ordem celestial para que levassem a arca para o mar. Num instante a ergueram e estavam a levá-la. Noé e a família olhavam pela janela durante a viagem. Após um tempo chegaram à praia, a barca pousou dando origem a um grande tsunami que de imediato devastou as casas e os barcos à beira mar. Para comemorarem o êxito do início da arca, como era de costume, sacrificaram um cordeiro em nome do Senhor. Os anjos operários não fizeram parte do festejo, assim que a arca começou a funcionar, retornaram aos céus.

Após a partida da Arca, temos a descrição de inúmeros dias de chuva, há a contagem de longos dias, cento e cinquenta. Durante esse período, Caim deu início ao seu plano. Fora dormindo com as mulheres da arca e eliminando os presentes:

Não faltará quem pense que o malicioso caim anda a divertir-se com a situação, jogando ao gato e ao rato com os seus inocentes companheiros de navegação, aos quais, como o leitor já terá suspeitado, tem vindo a eliminar um a um [...] e estas suas vítimas de agora não são mais, como já Abel o tinha sido no passado, que outras tantas tentativas para matar Deus (SARAMAGO, 2009, p. 169).

Caim, por todo o tempo, foi o assassino da arca de Noé. Pode-se afirmar que faz isso com a intenção de causar ira no Senhor, talvez chamar a sua atenção arruinando os planos dele. Até que sobrou somente Noé na arca. Esse desesperou-se, pois, os planos do Senhor não estavam acontecendo como o previsto. Caim então o chamou, Noé percebeu seu tom de voz e disse:

Foste tu, disse, Sim, fui eu, respondeu Caim, mas em ti não te tocarei, morrerás pelas tuas próprias mãos, E Deus, que dirá Deus, perguntou Noé, Vai tranquilo, de Deus encarrego-me eu. Noé deu a meia dúzia de passos eu o separava da borda e, sem uma palavra, deixou-se cair (SARAMAGO, 2009, p. 171).

Agora na barca havia somente Caim de ser humano, o plano de Deus estava arruinado, a Terra não seria mais povoada. Por outro lado o de Caim havia dado certo,

aproveitou da ausência de Deus, que já era de costume acontecer, assim como aconteceu no Jardim do éden, e acabou com os planos do Senhor.

No dia seguinte a barca encontrou terra firme. Deus apareceu e falou a Noé: “[...] sai da arca com a tua mulher e os teus filhos e as mulheres dos teus filhos, retira também da arca os animais de toda a espécie que estão contigo [...] a fim de que se espalhem pelo mundo e por toda a parte e se multipliquem” (SARAMAGO, 2009, p. 171), assim então saíram os animais, desde os maiores até os menores. Deus estranhou que Noé e os demais seres humanos não saíram e o chamou novamente, porém apareceu somente Caim, os dois cravam o diálogo final do romance, o castigo de Deus:

Onde estão noé e os seus, perguntou o senhor, Por aí, mortos, porquê, Menos noé, que se afogou por sua livre vontade, aos outros matei-os eu, Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, é assim que me agradeces ter-te poupado a vida quando mataste abel, perguntou o senhor, Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face, Então a nova humanidade que eu tinha anunciado, Houve uma, não haverá outra e ninguém dará pela falta, Caim és, e malvado, infame matador do teu próprio irmão, Não tão malvado e infame como tu, lembra-te das crianças de Sodoma. Houve um grande silencio. Depois caim disse, Agora já pode matar-me, Não posso, palavra de deus não volta atrás, morrerás da tua natural morte na terra abandonada e as aves de rapina virão devorar-te a carne, Sim, depois de tu primeiro me haveres devorado o espírito. A resposta de deus não chegou a ser ouvida, também a fala seguinte de caim se perdeu, o mais natural é que tenham argumentado um contra o outro uma vez e muitas, a única coisa que se sabe de ciência certa é que continuaram a discutir e que a discutir estão ainda. A história acabou, não haverá nada mais que contar (SARAMAGO, 2009, p.172).

O final da história foi definido por Caim, que, sem nada a perder, acaba com os planos de Deus, vingou-se em nome dele e em nome de todas as mortes que ele presenciou. Todas elas aconteceriam após a povoação da terra pela família de Noé. Abraão é descendente de Sem, por isso, ao acabar com ele Caim certifica-se que tudo o que o mesmo faria em nome do Senhor não será mais feito. Deus paga na mesma moeda.

A autora Ferraz (2012) nos faz pensar que, não contente após escrever o Evangelho Segundo Jesus Cristo (1991), Saramago precisava pensar sobre as raízes de tragédias descritas na bíblia, sendo assim, impossibilitando a povoação da terra ele termina de vez com a possibilidade da existência de religiões como o Judaísmo e o Cristianismo, não havendo assim profetas e nem messias. Ele passa a ser o salvador: “Caim é o redentor do Salvador, ele, de assassino, transforma-se no messias! Graças a Caim, Jesus não terá que ir para a cruz” (FERRAZ, 2012, p. 228).

A ironia do texto está presente em todos os sentidos, podemos analisar o texto na definição de Duarte (2006):

[...] a ironia não é apenas uma questão de vocabulário: não se resume a uma inversão de sentido de palavras, mas implica também atitudes ou pensamentos, dependendo a sua compreensão de o receptor perceber que as palavras não tem sentido fixo e único, mas podem variar conforme o contexto [...] São testadas assim a atenção e a capacidade de percepção dos interlocutores envolvidos em disputas e jogos de enganos intradieéticos (DUARTE, 2006, p.22).

Ou seja, nas passagens escolhidas por Saramago para fazer esse jogo entre uma narrativa e outra ele não fez a mudança somente de vocabulário, mas inverteu, acrescentou e mudou diversos momentos da Bíblia. Muitas de suas mudanças parecem ser mais lógicas que a própria narrativa bíblica como, por exemplo, quando os anjos vão ajudar a família de Noé na construção da arca, era praticamente impossível que a família sozinha conseguiria construir a barca no tempo previsto. A crítica trazida pelo romancista, além de ser sobre Deus e sua soberania, também se volta para as lacunas deixadas nos testamentos, algumas vezes inexplicáveis. Promove a ressignificação, elaboração de novos sentidos, instaura a dúvida e faz alusão a ambiguidade dos discursos. Ao final, quando Caim fica responsável por exterminar os planos de Deus e colocar em prática o seu, ele tira a autoridade divina das mãos do criador, considerado absoluto e intocável. Ao fazer isso ele causa certo desencantamento da figura divina em quem o lê. Minois (2003) analisa e explica o procedimento discursivo e estético acerca das paródias bíblicas: “[...] a religião é o alvo favorito; zomba-se dela, mas amigavelmente. O humor é um procedimento de dessacralização, de desencantamento parodístico: ele implica a dúvida, o ceticismo e a precariedade [...]” (MINOIS, 2003, p. 565).

Ao analisar construções paródicas, portanto dialógicas, que destronam e carnalizam o texto base, entendemos o que nos diz Jean Fourastié, em seu texto Reflexão sobre o Riso (1985), pois, para ele, as paródias causam desencantamento em que as lê, ou seja, o riso causa uma espécie de ruptura, tanto no leitor quanto no escritor, estabelecendo um incidente, um “[...] mini conflito de censo e contra-censo” (FOURASTIÉ, 1985, p.37). Aquele que ri coloca-se a disposição de romper com a sua ideia anterior sobre o assunto, antes de ser questionada ela é considerada normalidade, uma verdade ou uma certeza, após ser questionada, ela passa a ser vulnerável a outras compreensões.

O diálogo paródico causa o deslocamento do texto inicial, no caso as narrativas bíblicas, pois, como afirma Linda Hutcheon em Uma teoria da Paródia (1985), “a paródia é,

noutra formulação, repetição com distância crítica, que marca a diferença ao invés da semelhança”, além disso, “[...] Com efeito, o que é notável na paródia moderna é o seu âmbito intencional do irônico e jocoso ao desdenhoso ridicularizador” (HUTCHEON, 1985, p.17), nesse sentido, muitas paródias utilizam da ironia com o intuito de dar ênfase, mesmo usando o texto base como pano de fundo, nas diferenças entre eles.

As reflexões que decorrem da paródia carnavalesca de Saramago permitem analisar que o riso instaurado pela compreensão das tensões entre o texto fonte (sagrado) e o texto literário atual (profano) fazem com que muitas questões anteriormente sem resposta possam fazer sentido para o leitor. A autora Verena Alberti (2011) traz a concepção do alemão Joachim Ritter (1940) a respeito do que o riso causa ao seu leitor. Segundo ela: “[...] o riso está diretamente ligado aos caminhos seguidos pelo homem para encontrar e explicar o mundo: ele tem a faculdade de nos fazer reconhecer, ver e apreender a realidade que a razão séria não atinge” (ALBERTI, 2011, p.12). Sendo assim, o riso busca preencher lacunas anteriormente deixadas, nesse caso através de paródias, como a obra de Saramago.

Contudo, no caso das paródias ou sátiras, para que o humor apareça no momento da leitura, é preciso que o leitor consiga perceber essa ruptura, para isso, ele necessita considerar determinado assunto como pré-estabelecido, algo já dito dentro de certo contexto. Por essa razão, podemos entender que o texto bíblico representa para a sociedade, no âmbito de religiões, principalmente, uma verdade sagrada, algo aceito, pré-determinando como instituição de poder. Sendo assim, as escrituras são: “um discurso ou um acontecimento, uma ação “determinada”, são aqueles cujos elementos, cujas palavras, imagens ou frases, ou seja cujo desenvolvimento, são previsíveis, correspondem a uma certa lógica [...]” (FOURASTIÉ, 1985, p.39). Saramago (2009), ao parodiar as narrativas bíblicas, provoca essa quebra de paradigmas com as histórias que foram escritas a mais de dois mil anos. Sua paródia causa a profanação do sagrado, por meio da imprevisibilidade, destoando da lógica estabelecida. O narrador e o autor travam com as escrituras um diálogo perpassado de outros interesses, atravessado de novos sentidos e imbuído de propósitos ideológicos. Temos desse modo, uma obra subversiva aos padrões, irreverente aos dogmas e discursos que ostentam poder. Por meio da linguagem e seus recurso estilísticos, Saramago instaura novos sentidos com relação ao texto fonte, carnavaliza e gera destronamento, gera diálogos antes impensados, suscita reflexões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos permitiu analisar como o mecanismo de carnavalização foi utilizado por José Saramago, mais especificamente no diálogo paródico com o episódio bíblico da Arca de Noé. O romancista utiliza o humor, a sátira e a ironia como pano de fundo no seu processo de dessacralização do cânone. Dessacralizar, segundo Bakhtin (1996), nesse caso constitui-se como um ato de rebaixar, saindo do campo do divino e trazendo mais próximo à terra, instaurando diálogos profanos a partir dos textos sagrados. Para que a carnavalização seja notada, o leitor deve ser ativo, fazer parte desse processo, pois, na hora de interpretá-la e perceber o tom satírico, ele torna-se capaz de levantar questionamentos acerca do que foi carnavalizado, refletindo sobre a possibilidade da existência de outras interpretações para o texto bíblico, muitas vezes considerado irrefutável.

Assim como afirma Linda Hutcheon (1985), esses recursos estilísticos da linguagem artisticamente trabalhada caminham lado a lado com o leitor e suas memórias, pois ele só será capaz de questioná-las se as conhecer e, ao fazer a leitura, recuperar o que já é familiarizado e formar um pensamento crítico, fazendo assim uma inversão irônica, dando ênfase não nas semelhanças e sim nas diferenças entre elas. Como ela diz: “Ironia e paródia tornam-se os meios mais importantes de criar novos níveis de sentido – e ilusão” (HUTCHEON, 1985, p.46). Portanto, a partir desses mecanismos de linguagem o leitor poderá refletir sobre a história anteriormente contada, séria, dogmática e sagrada e abrir-se a possibilidades de existência de outras versões/compreensões para a mesma narrativa.

Ao fazer uso dos textos bíblicos e, a partir de seus propósitos, empregar recursos como ironia, humor, paródia e o riso carnavalizado, Saramago promove o rebaixamento desses textos, ou seja, os traz mais próximo do leitor. Em Caim (2009), ele nos faz o convite para que, com base nos nossos conhecimentos pré-existentes sobre os Testamentos, os (re)interpretemos e, a partir desses mecanismos de linguagem, possamos refletir sobre a história anteriormente contada, séria, dogmática e sagrada e vislumbrar outras compreensões possíveis a partir daquela narrativa. Nesse caso, paródia e ironia são recursos geradores de novos sentidos, não só sobre o que está dito nas escrituras ou sobre elas, mas conduzindo a pensar em tudo que é autoritário e que mantém a aura do poder. Sendo assim, o riso que carnavaliza também liberta do sério, destrona e materializa.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Jorge Zahar Editor; Editora Fundação Getúlio Vargas.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. De Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1996.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago*. 2. ed. Blumenau: Edifurb, 2012.

FOURASTIÉ, Jean. *Reflexões sobre o Riso*. In: Revista Diógenes. Trad. Ana Maria Falcão. Editora da Universidade de Brasília, 1985.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Trad. de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. *Uma Teoria da Paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Trad. Tereza Louro Pérez. Rio de Janeiro, RJ: Edições 70, 1985.

LOPES, João Marques. *Saramago: Biografia*. São Paulo: Leya, 2010.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

VASCONCELOS, José Carlos de. *Conversas com Saramago: os livros, a escrita, a política, o país, a vida*. Lisboa: JL - Jornal de Letras Artes e Ideias, D.L. 2010.

CASA DE AMÉRICA. *José Saramago apresenta Caín*. Youtube, 02 de novembro de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CB7c37deigA>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

Recebido em 05 de junho de 2023

Aprovado em 21 de junho de 2023.

